

12 OUT 1991

Collor prevê convocação do Congresso

O presidente Fernando Collor está disposto a convocar extraordinariamente o Congresso Nacional, durante o recesso parlamentar, para ver votadas ainda este ano as principais medidas do **Emendão**. "O importante é que tenhamos apreciado o projeto de ajuste fiscal e o projeto de modernização da economia, porque nos interessa que isso entre em vigor já em 1992", ressaltou. "Se eu julgar conveniente e, se for necessário, convocarei o Congresso extraordinariamente para apreciar outras emendas, que não estão diretamente ligadas ao ajuste fiscal, mas que são importantes para a busca da modernidade".

Collor disse que considerou "positiva" a divisão do **Emendão** em cinco partes feita pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados. O Presidente lembrou que o encaminhamento de um texto único "não foi fruto de uma decisão isolada, unilateral do Governo". Disse que foi uma decisão discutida com as lideranças do Congresso e com "base numa sugestão muito oportuna" do presidente da Câmara, deputado Ibsen Pinheiro (PMDB-RS). De acordo com o Presidente, os líderes sugeriram que um texto único facilitaria a tramitação. "Não houve nenhuma exigência do Governo de que as emendas formassem um único texto", enfatizou.

Ao receber um telefonema do líder do Governo na Câmara, Humberto Souto (PFL-MG) na noite da última quarta-feira, informando que a oposição dividira o **Emendão**, Collor respondeu "façam o que vocês acharem conveniente".

Assim que chegou ontem ao Palácio do Planalto às 8h45, o presidente Collor convocou a imprensa para desmentir notícias sobre a substituição do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira. Era uma forma de evitar especulações no mercado financeiro, já que as Bolsas de Valores abrem às 10h. O Presidente falou aos jornalistas quando faltavam apenas 15 minutos para as 10h, e sustentou: "Eu acredito que esse seja mais um dos famosos boatos de quinta e sexta-feira no País". Disse que "em momento nenhum" cogitou trocar o ministro Marcílio pelo deputado José Serra (PSDB-SP), como publicou um jornal paulista, em sua edição de ontem.

Pouco depois das 9h da manhã (horário de Brasília), Collor telefonou para o ministro Marcílio, que está em Bangkok (Tailândia), participando de reunião conjunta do FMI e do Banco Mundial. "Acabei de ligar para o ministro para saber as notícias da reunião. As coisas estão caminhando bem, as negociações estão avançando", comentou, em seguida, com os jornalistas. "Enfim, esse é mais um boato e quero dizer que a equipe econômica continua firme, trabalhando pelo programa de estabilização, pela reforma tributária, pela ampliação e aprofundamento da reforma estrutural, visando a retomada do crescimento econômico, melhor distribuição de renda e, naturalmente, a justiça social".

Num único momento da entrevista, o Presidente ficou constrangido. Quando um repórter quis saber se o Palácio do Planalto tinha realmente

RAIMUNDO PACCÓ



O Governo não se opõe à divisão do Emendão, anunciou Collor na entrevista

pedido aos representantes do Vaticano que o papa João Paulo II não fizesse, em Maceió, uma homilia sobre a indissolubilidade do casamento, Collor ficou vermelho. "Absolutamente não. Ele pode falar o que ele quiser. Aqui, vivemos absolutamente em liberdade, quanto mais sua santidade, o Papa. Acho que ele deve falar tudo aquilo que julgar conveniente", sustentou o Presidente.

Em seguida, o Presidente comentou vários assuntos. Disse, por exemplo, que a explosão da inflação provocada pela remarcação de preços, que teve início depois da mididesvalorização do cruzeiro,

não o preocupa. Ele voltou a "lamentar" o abuso na remarcação, e disse que o Governo vai controlar os preços, sempre que julgar necessário para evitar abusos. Collor afirmou que, "mesmo contra nossa vontade", o Governo voltou a monitorar e a controlar preços.

Collor lamentou a violência em Alagoas, que resultou no assassinato do delegado Ricardo Lessa, a quem João Malta Filho, irmão da primeira-dama Rosane Collor, se entregou, depois de tentar matar o prefeito de Canapi, Mauro Fernandes da Costa. "Só tenho que lamentar e pedir para que as autoridades, não somente as do Estado de Alagoas, mas de

todo o País, procurem coibir de uma maneira firme e absolutamente inquestionável todo tipo de violência", afirmou.

O leilão da Usiminas, marcado para o próximo dia 24, deve ser tranquilo, de acordo com o Presidente. Collor disse que o "mau exemplo" dado por algumas pessoas colocou a sociedade de "sobreaviso pela repulsa que aquelas atitudes tiveram na opinião pública". Admitiu que o último encontro, na noite de quarta-feira, com o governador Leonel Brizola, foi "muito produtivo".

■ A análise que Collor fez da economia está na página 15